

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA
18 e 23 de maio de 2022

THE PATSY / 1964

(Jerry, Oito e Três Quartos)

um filme de Jerry Lewis

Realização: Jerry Lewis / **Argumento:** Bill Richmond, Jerry Lewis / **Fotografia:** W. Wallace Kelley / **Direcção Artística:** Cary Odell, Hal Pereira / **Figurinos:** Edith Head / **Montagem:** John Woodcock / **Música:** Jack Brooks, David Raksin / **Intérpretes:** Jerry Lewis (Stanley Belt/Cantores do Trio), Ina Balin (Ellen Betz), Everett Sloane (Caryl Fergusson), Phil Harris (Chic Wymore), Keenan Wynn (Harry Silver), Peter Lorre (Morgan Heywood), John Carradine (Bruce Alden), Hans Conried (Prof. Mulerr), Richard Deacon (Sy Devore), Scatman Crothers (engraxador), Del Moore (polícia), Neil Hamilton (barbeiro), Buddy Lester (Copa Café MC), Nancy Culp (Helen), Lloyd Thaxton (o próprio), Norman Alden (homem no ginásio), Jack Albertson (companheiro de Helen), Henry Slate (Paul), Ned Wynn (Page), e Rhonda Fleming, Hedda Hopper, George Raft, Mel Torme, Ed Wynn, etc.

Produção: Ernest D. Glucksman, apra a Paramount / **Cópia:** 35mm, colorida, versão original legendada eletronicamente em português, 98 minutos / **Estreia Mundial:** Julho de 1964 / **Estreia em Portugal:** Éden, em 25 de Dezembro de 1964; **Reposição:** Apolo 70, em 13 de Julho de 1972.

AVISO: A cópia que vamos exhibir apresenta alguns riscos e "saltos", mais visíveis na mudança de bobinas, facto pelo qual pedimos desculpa.

The Patsy é uma das mais inteligentes e irresistíveis sátiras ao mundo do espectáculo, entendendo-se nele o cinema, a televisão e as variedades. E também uma das mais cínicas, com este cinismo tintado de muito humor. Esta matéria é de há muito uma especialidade de Jerry, tanto como realizador como na faceta de actor para outros directores, em especial os filmes feitos para Frank Tashlin, que se pode ver como o seu mestre imediato (recordem-se **Artists and Models** e **Hollywood or Bust**, ao lado de Dean Martin, ou **Rock-a-Bye Baby**).

O começo do filme é uma espécie de síntese dos inícios de **The Bellboy** e **The Errand Boy**, que com **The Patsy** formam uma trilogia oficiosa: Jerry é um criado de hotel a que uma equipa de produção lança mão para substituir a sua vedeta (e mina de ouro) que morrera num desastre de aviação. Desde logo o que o filme procura expor é uma mitologia que rodeia a figura do actor nos anos do grande poder dos estúdios e dos produtores. O actor não é nada. É a soma de várias partes que resultam do contributo de uma equipa onde se incluem produtores, realizadores, argumentistas, agentes de imprensa, etc, etc, que vão criando uma imagem e impondo-a ao público através da publicidade, ainda antes mesmo de entrar no mundo do espectáculo propriamente dito (tema, recorde-se, que já estava na base de um filme de George Cukor, **It Should Happen To You/Uma Rapariga Sem Nome**). O actor, para aqueles que o rodeiam e o "trabalham" não é mais do que um *patsy*, uma marioneta, que podem manipular à sua vontade. De certo modo, **The Patsy** é o mais autobiográfico dos filmes de Jerry Lewis, tratando do que

terão sido, em parte, as suas relações com a Paramount durante os anos de contrato que vêm desde 1949. E a afirmação final da sua personagem de Stanley (o nome é, mais uma vez, uma homenagem a um dos seus ídolos, Stan Laurel, cuja referência se encontra também nos outros dois filmes da trilogia), representa a sua declaração de independência, quando decidiu tomar nas suas próprias mãos (e numa equipa homogénea que o acompanhou ao longo de quase todos os filmes) a produção e/ou direcção dos seus filmes a partir de **The Bellboy**. A evolução da personagem de Stanley é representativa dessa mudança. A sua equipa pretende fazer dele uma "figura" que corresponda às suas ideias, sem ter em consideração a personalidade própria da personagem. Daí que algumas situações apareçam como algo desastradas, exactamente como que forçadas, impostas pelos critérios do grupo. É só quando se liberta da sua influência (que neste caso corresponde ao abandono da equipa, que resolveu largá-lo por considerá-lo um fracasso após a falhada tentativa de lançamento num clube) que Stanley revela a sua originalidade: no final quando avança para o show de Ed Sullivan e improvisa o número à sua maneira ou a transformação (qual *nutty professor* em Buddy Love) que opera na roupa e presença para entrar na estreia de gala.

O título português de **The Patsy** é uma referência a um filme muito falado da época, o **Otto e Mezzo** de Federico Fellini (e cuja influência foi enorme, inclusive no cinema americano, como se pode ver em **Stardust Memories**, de Woody Allen), porque, como este, é uma exposição, também, da criação artística. Talvez o momento mais famoso do filme de Jerry seja o final (a queda de Stanley do alto da janela, que a câmara depois expõe como cenário), onde Jerry procede a uma "distanciação" entre o seu trabalho e a ilusão que cria entre o espectador, e que já encontrámos, em forma de discurso, em **The Errand Boy**. Mas a conclusão dos dois filmes é idêntica. Em ambos os casos trata-se do reconhecimento do trabalho do comediante ("manifesto" que voltaremos a encontrar no final de **Hardly Working**). Jerry, em **The Patsy**, reúne aquela que é, talvez, o melhor grupo artístico da sua carreira. Não só com os seus cúmplices do costume (Del Moore, Buddy Lester, o argumentista Bill Richmond noutra "perninha", e outros) mas também uma plêiade de convidados como Rhonda Fleming, George Raft, Ed Wynn, Scatman Crothers, Hans Conried (que está no centro da mais perfeita cena de comédia da carreira de Jerry, quando este vai experimentar a voz, no seu gabinete, e deambula desajeitadamente pela sala, fazendo cair os objectos que apanha no último instante antes que batam no chão, numa perfeita coreografia), Richard Deacon, e, numa autêntica auto-paródia, exagerando nos gestos, Ed Sullivan (foi no show deste apresentador que Dean Martin e Jerry Lewis se tornaram conhecidos em 1948, do que resultou o contrato da Paramount), etc, que rodeiam o grupo perfeito que é o da equipa que o trabalha para substituir a vedeta perdida: Everett Sloane, Ina Balin, Keenan Wynn, John Carradine, Phil Harris e Peter Lorre, que aqui teria o seu último papel no cinema.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico